

“Ética para náufragos”

Nelson De Luca Pretto*

O título deste artigo vem do livro do filósofo espanhol José Antonio Marina, que não me sai da cabeça a cada caminhada, a cada viagem ou a cada contato com as pessoas pelo mundo afora, quando observo mais atentamente os seus comportamentos. Nós, profissionais da educação, temos uma quase mania de sempre buscar um *link*, como se diz hoje em dia, entre as cenas do cotidiano com alguma possível prática e/ou teoria educacional. Espero também, ao longo deste texto, poder apresentar esses *links* de forma mais explícita.

No seu *Ética para náufragos*, Marina apresenta, numa linguagem absolutamente deliciosa, a necessidade de grandes mudanças conceituais para que possamos melhor entender a ética no mundo contemporâneo. Um mundo de profundas transformações nas ciências e nas tecnologias, com reflexos em todas as demais áreas. Transformações que nos inquietam, pois não sabemos muito bem que futuro nos espera – e que certamente estamos a construir – a partir do que fazemos cotidianamente. A título de exemplo, podemos pensar: onde chegaremos com as pesquisas e o desenvolvimento da engenharia genética; com as nanotecnologias; com a internet...? As recentes pesquisas com o mapeamento do genoma humano, e também o fenômeno da chamada globalização, nos trazem, no fundo, novas e excitantes indagações muito mais do que certezas, mesmo que as provisórias. Quais as conseqüências e o que está nos sendo preparado enquanto humanidade, uma humanidade composta de seres humanos que cada dia mais se tornam *maquinizados* e por máquinas que cada vez mais são *humanizadas*?

Em menos de uma geração experimentamos evoluções absolutamente surpreendentes, como o apa-

recimento dos computadores, cada dia menores, e das tecnologias da informação e comunicação. O *Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil* apresenta os dados relativos ao crescimento dessas tecnologias, tomando como referência o que aconteceu nos Estados Unidos. A diferença na velocidade com que algumas tecnologias passaram a estar disponíveis para 50 milhões de usuários é enorme. Segundo esse trabalho, o rádio levou 38 anos para poder ser utilizado por esses 50 milhões de pessoas, enquanto o computador levou apenas 16 anos, a televisão 13 e a internet atingiu essa marca em apenas quatro anos (Takahashi, 2000: 3). Uma velocidade surpreendente que nos dá uma pequena mostra do tamanho de nosso desafio. Gerações inteiras vão acompanhar o nascimento e a morte de uma tecnologia, como, por exemplo, a televisão que hoje conhecemos (Gilder, 1994).

Para Paulo Vaz, professor da Escola de Comunicação da UFRJ, essas mudanças correspondem à forte presença dessas tecnologias, em especial as tecnologias de informação e comunicação (TICs), uma vez que elas podem afetar *as fronteiras existenciais*, permitindo *questionar a separação entre natureza e cultura e modificam o estatuto do futuro* (Vaz, 2003: 84).

A partir do final do século XIX, os homens conseguiram construir para si novamente um lugar que corresponde ao sentido da vida. Um lugar estranho, porque era atemporal. De fato, os homens modernos construíram esse lugar partindo não da idéia de círculo, mas da reta. Embora os seres vivos se transformavam à medida que o tempo escoava, só os homens tinham uma história, com leis próprias que asseguravam ao homem um futuro promissor. No interior da totalidade dos seres vivos agora pensada como uma linha, o lugar do homem era construído

*Doutor em Comunicação pela ECA/USP, professor e diretor (2000-2007) da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Entre outros livros escreveu *Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia*. <http://www.pretto.info>

pela definição de uma descontinuidade entre natureza e cultura e pela suposição de que, no futuro, ele se encontraria com sua verdade (Paulo Vaz, 2003: 84).

Experimentamos um período da tecnociência, onde as principais mudanças terminam sendo engendradas dentro de laboratórios, estes interferindo e sendo impulsionados pelas transformações do mundo contemporâneo, o que nos traz o verdadeiro impasse da existência humana: temos a sensação generalizada de que *as transformações acontecem apesar de nosso desejo e sem que possamos participar dela* (Vaz, 2003: 86). As conseqüências disso são sempre preocupantes, exatamente porque podem nos levar, de um lado, a um imobilismo generalizado e, de outro, ao desenvolvimento de propostas que, muitas vezes, não conseguem dar conta desses desafios. Emerge daí a necessidade de investigarmos melhor o que se está produzindo, ao passo que exige uma ação mais concreta de toda a sociedade no sentido de *abrir* os laboratórios para que se possa efetivamente conhecer, opinar e, em última instância, decidir sobre os rumos dela mesma. Vaz recupera um dos autores mais contundentes nesta questão, Bruno Latour (1994), especialmente em *Jamais fomos modernos*, na busca de construirmos uma *tecnodemocracia*:

se nosso destino é tecido nos laboratórios, que possamos discutir o que e como pesquisar, pois um dos pilares do conceito de democracia é poder discutir e participar das decisões que afetam o futuro de todos (Vaz, 2003: 86).

Essa perspectiva leva-nos, além disso, a pensar nas profundas transformações que a humanidade vem experimentando ao longo dos séculos, com destaque para as transformações da própria experiência temporal. Um tempo que *corre* de forma quase alucinada, que não nos possibilita um pensar sobre ele e sobre nossas ações cotidianas nele inseridas. Passamos do tempo do pêndulo, medido em minutos, como o de um sino na torre da igreja que organiza os eventos na aldeia ou comunidade, para o tempo dos computadores, medido em nano-segundos¹, conforme descreve Alejandro Piscitelli em seu livro *Meta-Cultura* (2002: 105). Mais uma vez Paulo Vaz:

A história é gigantesca e os limites são insuportáveis; a realidade está aí, desmesurada em relação aos nossos esforços de dominá-la. Ao mesmo tempo, uma responsabilidade inaudita pesa sobre as nossas mínimas ações do presente; ao usarmos um desodorante que afeta a

camada de ozônio, podemos estar pondo em risco diversas espécies, inclusive a nossa (p. 100).

Vaz continua e introduz a fundamental discussão sobre a ética, porque para ele

a ética que se entrevê alia a responsabilidade imposta por nossa potência tecnológica à indiferença da realidade, à constatação de que a casualidade se imiscui em tudo que há (p.100).

E conclui:

(...) nossa responsabilidade requer a aliança entre a ciência e a democracia, e não apenas aquela entre a ciência e o capital (p.100, grifo meu).

E aqui, uma nova pergunta se apresenta: qual o conceito de ética que está permeando nossas relações? Sejam elas as puramente humanas (ooopppssss!!!) ou as que estabelecemos entre humanos e não-humanos, coisa cada vez mais freqüente nesse tecnocientífico mundo. José Antonio Marina propõe que superemos definitivamente a idéia de uma **ética centrada na lógica da sobrevivência**. Uma ética que tem, tomando suas palavras, *como única referência à vida* (1996: 215). Para ele, as *éticas da sobrevivência* são perversas pela sua própria miopia já que, para

se pôr a salvo - o que inclui, claro está, viver - o homem tem que ter um olhar de lince. Não é a vida que é o valor ético mais importante, mas sim o direito à vida (Marina, 1996: 215).

O *direito à vida* traz, portanto, uma importante reflexão para o enfrentamento dos desafios desse mundo contemporâneo, que se impõem de forma perversa, intensificando uma perspectiva muito simplista de vida e, conseqüentemente, de ética, preocupada prioritariamente com a sobrevivência de cada um. O ícone dessa visão de mundo é a máxima da publicidade brasileira da década de 70, conhecida como *Lei do Gérson*, por muitos ainda lembrada, ou da expressão usada em várias regiões do nordeste brasileiro: *Farinha pouca, meu pirão primeiro!*

José Antonio Marina reflete em seus livros sobre esta visão de mundo onde a ética se impõe como uma das mais importantes criações da inteligência humana e busca compreendê-la numa perspectiva que supere a idéia de que ela é um conjunto de proibições, deveres ou obrigações. *Nada disso*, afirma ele categórico. A ética é *um brilhante conjunto de solu-*

¹ Mil milionésima parte do segundo (10⁻⁹ s.).

ções e possibilidades (Marina, 1996: 152). A construção da humanidade exige de nós uma reflexão maior sobre esse cotidiano, imerso num tempo alucinado, que não nos permite ver as cenas simples de forma mais atenta e, sobre elas, refletir um pouco mais. Construir este cenário pode ser importante para essa reflexão, e, com isso, abrir espaço para uma reflexão mais específica sobre o papel da educação nesse contexto.

Cena um: vila de pescadores de Praia do Forte

Localizada no município de Mata de São João, a menos de 100 km ao norte de Salvador/Bahia. Região bucólica, preservada em suas belezas naturais, devido, em muito, à presença intensiva de várias organizações não-governamentais, com destaque histórico para a Fundação Garcia D'Ávila [<http://www.fgd.org.br>] e Projeto Tamar [<http://www.projetotamar.com.br>]. Objeto de interesse do Governo da Bahia, através do Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR), que conta com apoio do Banco Mundial. Vila que vive um processo acelerado de ocupação predominantemente pelas classes média e alta, com casas e condomínios de luxo, introduzindo transformações profundas no estilo do comércio e dos serviços locais.



Foto: Arquivo do autor

Uma imagem...

Uma imagem forte, sem dúvida. Tomada em novembro de 2003, é a imagem da ética predominante no mundo contemporâneo. De uma ética da simples sobrevivência! Mais impressionante, ainda, é o fato de que a obra que produziu os entulhos que cobrem os

orelhões acontecia exatamente para a construção de escritórios de arquitetura, em cujos vidros, por trás dessa violência, encontravam-se afixados anúncios publicitários sobre a preservação do patrimônio, especialmente sobre uma nova concepção deste, que passaria a incorporar também a cultura e a vida. Diziam os reclames: *Interpretação do Patrimônio – História – Cultura*. Durante mais de um mês esses três orelhões, que possibilitam a comunicação de moradores e turistas, ficaram inacessíveis, apenas porque meia dúzia de pessoas fazia uma obra nas proximidades...

Quase em frente dali, a Escola São Francisco funcionava regularmente. Na outra rua, uma creche em atividade, mantida pelos mesmos que apóiam os projetos preservacionistas. Nesses dois espaços educacionais, corajosas e sofridas professoras tentam, cotidianamente, passar para seus alunos, futuros adultos dessa Bahia de Todos os Santos, *abençoada por Deus e bonita por natureza*, noções básicas de saúde, higiene e cidadania... Dentro das quatro paredes das salas de aula, tudo corre muito bem... Ao sair na rua, os estudantes dessas escolas passam em frente aos orelhões, inacessíveis em razão dos entulhos da malfadada obra. Se dará conta a meninada de tamanha agressão? Passarão desatentas à cena suas professoras e os moradores locais? Haverá indignação, ou coisas do tipo se tornaram tão corriqueiras que já não têm o poder de impactar os transeuntes? Terá esse processo de agressão se tornado tão comum que já tenha se *naturalizado*², como Atilio Boron (2001) denomina o processo que estamos vivendo em relação ao capitalismo?

Interessante discussão acerca de cidadania poderia ser provocada pelos professores se cenas como essas fossem levadas à sala de aula!

Cena Dois: uma reunião convocada pelo Centro de Recursos Ambientais, na mesma Praia do Forte

O Centro de Recursos Ambientais (CRA - <http://www.seia.ba.gov.br/topo/cra.htm>) é o órgão do Governo do Estado da Bahia responsável pelo licenciamento para implantação de projetos em área de proteção ambiental, como é o caso do litoral norte de Salvador na chamada Linha Verde, estrada que liga Salvador a Aracaju, capital do estado de Sergipe. Cor-

² "Debido a esto la discusión sobre el capitalismo ha desaparecido de la agenda pública. Se lo considera, y este es el mayor triunfo ideológico del neoliberalismo, como un fenómeno natural como la cristalización de tendencias innatas, adquisitivas y posesivas de la especie humana, y no como una creación histórica de clases y agentes sociales concretos movidos por sus intereses fundamentales" (Boron, 2001: 40).

re um processo proposto pela empresa Iberostar [http://iberostar.com], para a implantação, ao norte de Praia do Forte, numa área contínua de dois quilômetros de praia, de um grande complexo com quatro hotéis, 1.600 apartamentos, conjunto residencial, campo de golfe com 27 buracos, área de lazer, comércio e esportes. Como parte do processo de licenciamento, acontecem diversas audiências públicas para que sejam discutidos os impactos ambientais do projeto, bem como as possíveis soluções para minimizar as conseqüências negativas de empreendimentos desse porte no ecossistema. Numa dessas reuniões, em dezembro de 2003, basicamente com presença majoritariamente branca de dirigentes de ONGs preservacionistas e do empresariado local, fala um membro da colônia de pescadores local, quase o único afro-descendente a ali marcar presença: *Eu vejo que tem projeto pra tudo, pra apoiar tartaruga marinha, baleia Jubarte e agora, até ararinha azul já tem projeto aqui. Aí eu fico pensando... E os pescadores?! E as pessoas, como ficam?! Fala simples de um pescador que labuta cotidianamente em seu próprio ambiente natural e dele sobrevive, e que revela as dificuldades de projetos preservacionistas que não considerem o humano como fundamental. Fala do que ainda restou desses profissionais da pesca que, com seus barcos, nos encantam com as belas imagens da costa brasileira. Lugares que ganham destaque exatamente pela presença de barcos e pescadores com suas redes lançadas ao mar, com destaque para o momento da chegada da pescaria, cantada em prosa e verso, com uma beleza absolutamente singular. Praia do Forte é mágica, ainda, nesse aspecto.*



Foto: Arquivo do autor

A simples observação das ações desenvolvimentistas que estão em andamento, neste e em tantos outros lugares do planeta, permite-nos constatar que se tratam, em última análise, de processos agressivos de urbanização, centrados em conceitos de reprodução do igual, da mesmice ou, como nas palavras de Eduardo Galeano, da *macdonalização* do mundo³... Isso porque terminam se configurando como proces-

so que afastam as populações locais de suas atividades corriqueiras, por introduzirem *novos* valores, *novos* hábitos e *novas* práticas de convivência, quase sempre desacompanhadas de um projeto mais amplo de discussão que possibilite, entre outras coisas, saber se, de fato, fora esse o desejo dessas comunidades. Mais ainda: como não imaginamos a possibilidade de guardar em redomas regiões, culturas e gente, torna-se de fundamental importância a criação de mecanismos de educação que possam garantir um desenvolvimento sustentável do ponto de vista do ambiente, entendido aqui, de fato e não apenas no papel, como um espaço da natureza que inclua os seres humanos, suas culturas e suas profissões. Lamentavelmente, isso não está ocorrendo na tal Praia do Forte, assim como não ocorre em diversos outros lugares desse Brasil.

Não por acaso, vemos cada vez menos, na linda costa brasileira, jovens pescadores nos singelos e rústicos barcos de pesca! As novas gerações parecem não vislumbrar futuro no que fora a labuta diária dos seus pais e avós. O mar já não as encanta enquanto profissão. O grande provedor, a fonte de sustento de tantas gerações passadas, perde o seu lugar...

De novo a escola é chamada para dar conta de todos esses desafios, sendo, portanto, prioritária uma qualificação permanente dos professores para que possam, com esses elementos do cotidiano, refletir com seus alunos – crianças e adolescentes em busca de uma formação integral e profissional – sobre o futuro que os espera e que será também por eles construído. Uma reflexão que não se limite à mera constatação dos fatos – muitas vezes, é verdade, inevitáveis! –, mas que consiga superar essa fase de constatação e, a partir dela, compreender os desafios desta sociedade, que *insiste* em desrespeitar os tempos e os valores culturais das comunidades locais.

Cenário posto, de novo a constatação de que estes são desafios para a educação, são desafios para a sociedade planetária. José Antonio Marina:

Quando uma pessoa se sente absolutamente incapaz de controlar (sic!) o ambiente, está a um passo da retirada e da depressão. Uma vez mais, a única solução está na ação. Graças a ela podemos ir recuperando a consciência de nossa capacidade de fazer coisas (2000: 124).

Aproveitando a imagem de mar, presente de forma intensa nas duas cenas vividas e aqui refletidas, buscamos através de uma metáfora, e mais uma vez com a ajuda desse nosso companheiro espanhol nessa viagem, compreender as nossas possibilidades. Para ele, *navegar é a melhor metáfora do viver inteligente* (p. 124). Marina:

³ Depoimento do escritor uruguaio Eduardo Galeano no I Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em janeiro de 2001.

Um veleiro é a criação da inteligência humana para poder aproveitar a seu favor as forças que estão contrárias e, assim, apoderar-se do mar. Um bom timoneiro sabe navegar contra o vento servindo-se do empurrão do vento que foi enganado um pouco antes com o uso das velas. O vento que se perdeu, sai por onde pode, que é por onde o navegante quer. Assim consegue o timoneiro, contra todo o senso comum, avançar contra o vento, enfrentando de frente o mar encrespado, que é o que temos que fazer todos (p. 125).

É, pois, urgente pensarmos sobre essas e tantas outras cenas, retornando à questão título deste artigo: *Ética para Naufragos*. Será essa uma ética simplesmente reduzida à questão da sobrevivência?!

Não, claro que não!

É necessário superar essa perspectiva pura e simples de sobrevivência. E isso só será possível com uma *ética da dignidade*, como ele propõe. Uma ética deverá ser construída cotidianamente por todos, e a escola pode e deve exercer um papel fundamental: formar e possibilitar que a criança viva plenamente essa rica experiência, talvez singular, da vida humana, ou do que dela ainda restou!

Como diz Marina,

(...) não se trata de olhar para trás para alicerçar os direitos. A justificação vem do futuro. O nível ético tem de inventar possibilidades, porque o anseio inteligente que impulsiona o homem não o deixa descansar no que é dado, nem se contentar com o claro-escuro do seu passado. Tudo isso tem que ser tido em conta, mas não é nossa prisão nem nosso reino (1996: 218).

Referências Bibliográficas

- BORON, A. A nova ordem mundial e como desmontá-la in "Resistências Mundiais: de Seattle a Porto Alegre" SEOANE e TADEI (org). Petrópolis/RJ: Vozes, 2001, p. 37-88.
- GILDER, G. "Life after Televison", W.W. Norton & Company, 1994.
- LATOUR, B. "Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica". Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- MARINA, J. A. "Ética para Náufragos". Lisboa: Editorial Caminho, 1996.
- PISCITELLI, A. "Meta-Cultura: el eclipse de los medios masivos en la era de Internet". Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2002.
- TAKAHASHI, T. "Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil". Brasília: IBICT, 2000.
- VAZ, P. "O Futuro e as fronteiras do humano." Item (6), 2003, p. 82-101.